

Resumo: No início deste ano de 2020, inesperada e repentinamente, docentes e alunos de Macau, à semelhança do resto da China, foram obrigados a passar de aulas presenciais para aulas online com o intuito de se fazer face à pandemia provocada por um novo tipo de coronavírus. Este trabalho surge sobretudo da necessidade de refletir sobre o segundo semestre do ano académico 2019/2020. Para isso, abordamos algumas vantagens e inconvenientes do ensino/aprendizagem *online* (Kozlova & Zundel 2013; Meskill & Anthony 2010) e falamos sobre como procurámos gerir a nova realidade. Na parte prática deste estudo, a partir de uma pergunta de resposta aberta feita a estudantes universitários chineses a frequentar um programa de intercâmbio, e recorrendo à “análise de conteúdo”, confirmámos a dificuldade que a maioria dos estudantes enfrentou durante este semestre atípico: o mau funcionamento da rede que dificultava o estudo a partir de casa. Para além disso, ficamos a saber que os nossos participantes preferem a interação face a face com os colegas e professores. Em termos de benefícios deste processo online, os respondentes destacam a poupança de tempo, a flexibilidade, a conveniência dos aparelhos móveis e da internet e ainda a continuação dos estudos em segurança.

Palavras-chave: Ensino/aprendizagem pela internet; Covid-19; estudantes universitários chineses; dificuldades; vantagens.

Abstract: At the beginning of this year, unexpectedly and suddenly, teachers and students from Macao, like the rest of China, were forced to switch from face-to-face to online classes in order to face the pandemic caused by a new type of coronavirus. This study arises from the need to reflect on the second semester of the academic year 2019/2020. With this purpose in mind, we address some advantages and disadvantages of online teaching/learning (Kozlova & Zundel 2013; Meskill & Anthony 2010), and share how we tried to manage our new situation. In the second part of this study, from an open-ended question and using “content analysis”, we confirmed the difficulty that most students faced during this atypical semester: malfunction of the network connection, that made the learning process hard. In addition, we learned that our participants prefer face-to-face interaction with colleagues and teachers. In terms of the benefits of this online teaching and learning process, respondents highlight time saving, flexibility, convenience of mobile devices and internet, as well as the possibility of continuing their studies while feeling safe.

Keywords: Teaching/learning through internet; Covid-19; Chinese university

¹ Liliana Gonçalves possui Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira e Doutoramento em Didática de Línguas, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), trabalhando com estudantes de Português Língua Estrangeira, sobretudo chineses, desde 2003. Entre outros interesses, dedica-se ao *feedback* para tarefas de escrita, ao ensino de culturas, ao uso de novas tecnologias no ensino/aprendizagem (presencial) e à elaboração de materiais didáticos, tendo publicado, por exemplo, o manual didático “Cozinhar em português”, em 2011 (*Lidel*).

students; difficulties; benefits.

1. Introdução

A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) registou o primeiro caso de infeção pelo novo coronavírus no dia 22 de janeiro de 2020 quando a grande maioria dos estudantes já se encontrava nas suas terras de origem ou nas suas casas para festejar em família o Ano Novo Chinês (ANC). Logo a seguir, as instituições de ensino, inclusivamente as universidades, fecharam e as comemorações públicas do ANC foram canceladas. Dias mais tarde, no dia 8 de fevereiro, encerraram também os estabelecimentos de entretenimento, incluindo os casinos. A pandemia espalhava-se velozmente e a sociedade em geral era forçada a adaptar-se à situação, também rapidamente.

Sob uma grande pressão (pela incerteza e angústia que toda a situação provocava), estudantes e professores ajustaram-se a uma nova forma de aprendizagem e ensino. No caso específico da nossa universidade, no dia 11 de fevereiro, já havia aulas a funcionar a partir de casa, tendo-se dado preferência à ferramenta digital americana *Zoom*. Foi assim que demos continuidade às nossas aulas de Português Língua-Cultura, mas em espaços virtuais, nomeadamente no *Zoom* e utilizando também o *Moodle* da universidade.

Neste trabalho, exploramos brevemente as vantagens e inconvenientes do ensino/aprendizagem *online*, apresentamos as estratégias que decidimos transpor do ensino presencial para as aulas pela internet, falamos um pouco sobre algumas mudanças que fomos notando à medida que o semestre avançava *online* e, por fim, damos a conhecer as opiniões de um grupo de estudantes acerca dos benefícios e das desvantagens do ensino/aprendizagem pela internet.

2. Prós e contras do ensino/aprendizagem a distância

A tecnologia faz parte da nossa vida. Como Major (2015: 9) nos lembra, “technology is simply part of the world, part of our surroundings, and we are as aware of it as we are aware of anything else. [...] but we may not think much about it. Like it or not, even when we teach onsite, we are never truly “teaching naked”, or teaching sans machines.” Hoje em dia, no nosso contexto de sala de aula (presencial), temos um projetor ao qual podemos ligar o nosso computador, temos microfones, podemos usar áudios e vídeos em qualquer espaço de aula.

Assim sendo, não nos surpreende que, nos últimos tempos, o ensino/aprendizagem *online* tenha conquistado mais adeptos. Meskill e Anthony (2010: 2) confirmam isso mesmo a nível da aprendizagem de línguas: “There is no question that teaching and learning languages online is growing in popularity.” A principal razão, segundo estas autoras, prende-se

com a conveniência. Kozlova e Zundel (2013: 99) apontam essa e outras razões para a mencionada popularidade: (i) para muitos estudantes, aumentam as possibilidades de ter acesso a determinadas aulas que não fazem parte dos *currícula* das instituições que frequentam; (ii) há mais flexibilidade, uma vez que os estudantes podem participar nessas aulas estejam onde estiverem e, em alguns casos, à hora que mais lhes convier; (iii) algumas aplicações permitem que muitos alunos participem, ao mesmo tempo, nas atividades da aula ou do curso *online*; (iv) os estudantes podem comunicar com os colegas e com o professor simultaneamente através das aplicações de videoconferência, que possuem canais não só de comunicação oral, mas também de escrita. Major (2015: 14) defende que a tecnologia pode ser usada para “abrir o processo educativo” e acrescenta que visa “libertar os indivíduos”, distribuindo recursos informativos mais equitativamente.

Para os mais céticos acerca da aprendizagem *online*, perde-se a “interação estimulante” que, geralmente, se experiencia numa sala de aula presencial. As dinâmicas da interação são radicalmente diferentes (Meskill & Anthony 2010: 2). A curto prazo, ainda de acordo com Meskill e Anthony (2010: 3), planejar e preparar os elementos necessários para as aulas *online* requer bastante tempo. Para além disso, fica-se por vezes com a sensação que o contacto com os estudantes acaba por ser diário e não duas ou quatro vezes por semana, como seria no horário de aulas presenciais. Contudo, Meskill e Anthony (2010: 3) acabam por contestar estes inconvenientes, afirmando que tanto professores como estudantes, a longo prazo, admitem poupar muito tempo, ou seja, não precisam de fazer as viagens de casa para a escola/universidade e podem trabalhar/estudar no horário e no lugar que mais lhes convier (vantagem também apontada por Kozlova e Zundel). Para além disso, Meskill e Anthony (2010: 2-3) afirmam que aqueles estudantes menos (ativamente) participativos, tendencialmente, contribuem mais e com mais frequência no contexto de aprendizagem *online*.

O ensino/aprendizagem *online* tem obviamente as suas vantagens e tem-se tornado cada vez mais importante. No caso concreto deste ano de 2020, o ensino/aprendizagem a distância, para nós, não era uma opção, mas sim uma imposição no sentido em que muitos estudantes, que se encontravam na China continental, não poderiam voltar a Macau e, perante um vírus altamente contagioso, não existiam condições para reunir turmas de 20 ou mais estudantes nas salas de aula ou ter a comunidade académica a trabalhar normalmente em espaços comuns da universidade. Assim, o pessoal docente recebeu instruções para que retomasse o seu trabalho *online*.

3. A nossa realidade

1. Como usar a tecnologia para promover a aprendizagem a distância?

Esta foi a pergunta fundamental que nos colocámos quando não tínhamos outra alternativa senão dar aulas a distância. Já estávamos habituados a usar a tecnologia e diversas ferramentas digitais nas sessões presenciais. Para além de vídeos e áudios, também já fazíamos uso do *Moodle* e de aplicações como o *Learningapps*, o *Kahoot* ou *Quizizz*, *H5P*, entre outras. Estas ferramentas permitiam-nos não só tornar os exercícios das aulas mais apelativos e motivadores, como também dar mais flexibilidade aos estudantes no sentido em que podiam repetir os exercícios quando e onde quisessem bastando para tal disporem de uma ligação à internet. Contudo, de repente, o que estava em causa era ensinar “a distância”.

Devemos lembrar que os nossos programas não tinham sido desenhados para o ensino *online* e, por isso, usando as palavras de Reis (2020), nós passámos a dar “aulas pela Internet” e não exatamente “aulas a distância” que requerem diversos conhecimentos, capacidades e uma série de adaptações. Ainda assim, quando o trabalho começou a ser feito *online*, já tínhamos tido oportunidade de trabalhar com a maioria dos estudantes no semestre anterior. Por esta razão, já existia um conhecimento mútuo relativamente à forma de ser/estar (na sala de aula) e de trabalhar. Além disso, os estudantes já conheciam o programa da disciplina e os respetivos objetivos. Pensamos que isso foi crucial para o funcionamento do segundo semestre. Decidimos, então, transpor das aulas presenciais para as aulas pela internet algumas estratégias que consideramos fundamentais. Tendo em vista evitar, ao máximo, a procrastinação de tarefas e o desperdício de tempo por parte dos alunos, continuámos a dar prazos de entrega para cada tarefa e as instruções eram não só dadas oralmente, como também por escrito para que os estudantes as pudessem ler, caso tivessem alguma dúvida. Embora a nossa universidade tivesse pedido para não considerarmos a assiduidade na avaliação final (o que nós respeitámos), achámos útil registar as ausências nas sessões do *Zoom* apenas para podermos, mais tarde, contactar os estudantes em questão e verificar se estavam a enfrentar algum tipo de problema ou dificuldade. Outra estratégia que decidimos continuar a utilizar foi a avaliação frequente de tarefas de aula. Desta forma, os estudantes tinham mais oportunidades para alcançarem sucesso (ver Miller 2014: 36) e o docente podia, por um lado, confirmar se as matérias tinham sido bem compreendidas ou se, por outro lado, era necessário rever, fazer algum ajuste ou, eventualmente, dar apoio a alguns estudantes em particular. Podemos pensar que estamos perante estudantes universitários e que esse tipo de apoio não se justificaria. Contudo, como anteriormente dizíamos, estávamos perante uma situação completamente nova e angustiante para todos. Para além disso, no sistema presencial de aulas, na nossa faculdade, já estavam previstas, pelo

menos, duas horas semanais de atendimento aos estudantes que necessitassem de uma ajuda extra.

Durante as sessões *online*, tentámos também (tal como em aulas presenciais) manter os estudantes ocupados (ver Miller 2014: 75), sem “tempos mortos” entre as atividades, para que não se distraíssem nas redes sociais ou com outras coisas que, eventualmente, estivessem a acontecer nas suas casas (imaginámos que a maioria estivesse em casa...). No que diz respeito à interação entre os estudantes, sempre que oportuno, utilizámos a função “breakout rooms” do *Zoom*. No entanto, alguns alunos, cuja ligação à internet era instável, confessaram que não conseguiam comunicar entre si e que acabavam por fazer a tarefa sozinhos ou, como alternativa, usando a rede social *Wechat*.

De uma maneira geral, como Miller (2014: 29) explica, ficava-nos a faltar a “parte emocional”. Era difícil ver e compreender as expressões faciais de cerca de 20-25 alunos (por turma). Tivemos de interpretar tons de voz, mensagens escritas, sorrisos, através da tecnologia (ver Major 2015: 11). Além disso, como já mencionámos, não tivemos muito tempo para alterar a forma como tínhamos planeado o nosso trabalho (para a modalidade presencial). De acordo com Major (2015: 1), ensinar *online* implica repensarmos a nossa visão e as nossas capacidades, desenvolver novo conhecimento sobre o ensino, a pedagogia e novos padrões de comunicação. Major (2015: 13-14) também reconhece que o professor que trabalha *online*, ainda que usando os mesmos objetivos e conteúdos que um docente a ensinar presencialmente, obterá “um produto” diferente. É sobre tudo isto que ainda estamos a aprender e a refletir.

2. Como usar a tecnologia para desenvolver a distância o meu nível de língua?

Colocando-nos na pele dos estudantes, a questão e talvez a dúvida que se lhes colocava era como desenvolver o nível de proficiência no Português Língua-Cultura nas condições que lhes estavam a ser propostas.

Segundo o que fomos apurando, alguns estudantes estavam nas suas casas a usar aparelhos móveis para acompanharem as aulas e aprenderem. Isto fez-nos recordar o *m-learning*. Neste tipo de aprendizagem, os aparelhos móveis estão na base do processo, tendo diversas vantagens, nomeadamente a portabilidade, a interação, a colaboração (mesmo que as pessoas se encontrem em espaços diferentes), o maior empenho e motivação dos aprendentes, a melhoria da autonomia, a acessibilidade a qualquer hora e em qualquer lugar (ver Moura 2010: 357 e 411), a mobilidade (não só da tecnologia e das pessoas, mas também da aprendizagem e da informação). Os aparelhos móveis (como telemóveis, *tablets*, computadores portáteis) levam-se para todo o lado, são relativamente fáceis de usar, são atrativos e começam também a ser mais acessíveis em termos monetários (ver Moura 2010: 315). Atualmente, tendemos a pensar (e a afirmar) que as crianças e os jovens dos

nossos dias já não sabem viver sem a tecnologia móvel. Assim, relativamente a este segundo semestre dominado pela Covid-19, tudo parecia indicar que o ensino/aprendizagem a distância poderia funcionar bem.

Após algum tempo a dar aulas pela internet, começámos a ter a sensação que os estudantes mais independentes e, de uma maneira geral, mais motivados ou com melhores resultados no semestre anterior continuavam a ter bom desempenho nas aulas *online* enquanto os outros (geralmente mais desmotivados) denotavam a mesma atitude (mais) desinteressada e indolente. Ao contrário de outros colegas professores, que revelavam que alguns dos seus alunos se tinham tornado mais participativos, especialmente no *chat* escrito (do *Zoom*), e dos estudos de Meskill e Anthony (2010), nós não notámos grandes diferenças a nível da participação, exceto quando havia problemas na rede e a interação se tornava difícil. Por outras palavras, os estudantes, cuja motivação em aulas presenciais já nos parecia fraca, de uma maneira geral, continuaram a demonstrar alguma leviandade. Além disso, verificámos que a “desonestidade” aumentou um pouco, especialmente no uso do *Google Tradutor* que, nas nossas aulas presenciais, era limitado ou, conforme as tarefas, desencorajado. Queremos com isto dizer que, embora tivesse havido uma mudança substancial no meio de comunicação, com a utilização de aparelhos móveis e ferramentas digitais, normalmente vistos como atrativos para os jovens, não notámos mudanças significativas na forma como estudantes mais desmotivados enfrentavam a aprendizagem, ou seja, em termos de comportamento perante a aprendizagem, o uso constante de aparelhos móveis, de aplicações ou ferramentas digitais não parece ter estimulado aqueles estudantes e gerado uma mudança significativa de atitude.

No entanto, como devem imaginar, também verificámos alguns aspetos positivos, por exemplo, os estudantes rapidamente se adaptaram às novas ferramentas propostas pelo professor (*Zoom* e *Skype*) e, inconscientemente, alguns aprendentes estavam, aos poucos, a tornar-se mais independentes na organização do estudo.

4. Estudo prático: A real perspectiva dos estudantes

1. Objetivos

A meio do semestre, na avaliação intermédia da disciplina, com o intuito de percebermos melhor se as aulas *online* estavam a criar problemas aos estudantes ou se estariam a influenciar comportamentos perante a aprendizagem, decidimos acrescentar uma pergunta ao questionário que habitualmente se aplica nesse período do processo de ensino/aprendizagem. A pergunta era simples: “Qual é a sua opinião acerca das aulas no *Zoom*?” Nas respostas, os estudantes denunciavam, por um lado, problemas com a internet que os impedia de ouvir/ver bem o que estava a ser partilhado e, por outro lado, saudades da interação presencial com os colegas e professores. Com o intuito de confirmarmos se estes aspetos se mantiveram ao longo de

todo o semestre, se outras dificuldades surgiram e ainda de percebermos se, na perspectiva dos estudantes, existem vantagens neste tipo de aprendizagem pela internet, decidimos pôr em prática este pequeno estudo.

2.Participantes

Nesta pesquisa, participou uma turma de 22 estudantes do 3º ano da Licenciatura em Estudos Portugueses. Uma grande parte, oriunda da China continental, encontrava-se a meio de um programa de intercâmbio do Departamento de Português da Universidade de Macau, intercâmbio esse que, em circunstâncias normais e sem o surto da Covid-19, duraria um ano académico. Estes participantes eram todos de nacionalidade chinesa, tinham entre 19 e 21 anos e encontravam-se no nível B2 de proficiência de língua, tendo na altura já concluído cerca de cinco semestres de estudo (sempre presencial).

3.Instrumento de trabalho

Como dizíamos, no final do semestre *online*, pedimos aos participantes que, de forma anónima, e através do *Survey Monkey*, numa pergunta de resposta aberta, explicassem quais tinham sido os maiores benefícios e as principais desvantagens da experiência de aprendizagem pela internet.

4.Resultados

De seguida, expomos os resultados das 19 respostas que obtivemos. Para a sua análise, recorreremos ao “procedimento aberto” (Esteves 2006: 110), isto é, as categorias em que dividimos as respostas dos participantes emergiram fundamentalmente dessas mesmas respostas. A categorização dos dados que propomos foi elaborada depois de termos feito “leituras flutuantes” (Esteves 2006: 113) de todas as respostas.

Tabela 1 – Benefícios e desvantagens da experiência de aprendizagem pela internet

| Indicadores | Unidade de registo |
|--------------------------------------|---|
| Benefícios | |
| Razões que envolvem tempo e recursos | <i>Sobre as vantagens, primeiro, não tenho de perder duas horas por dia na viagem de autocarro. A segunda é trabalhar no computador deixa-me fazer uma anotação mais completa e clara do que notas manuscritas. Não tenho de imprimir os materiais.</i> |
| | <i>Na minha opinião, há bastante tempo para composição, especialmente para os alunos que são mais lentos na escrita...</i> |
| | <i>Os maiores benefícios são: podemos ter aulas a distância, o lugar e o tempo de aulas ficam mais flexíveis. Pelas aulas on-line, a professora pode dar mais exercícios on-line para nós a fazer.</i> |
| | <i>Na minha opinião, aprendizagem “online” permite que os estudantes possam estudar em qualquer lugar seguro durante o surto de covid-19.</i> |

| | |
|---|---|
| | <i>... a professora sempre coloca tarefas e materiais no moodle com antecedência e escrevemos por word, então podemos prever e rever estes textos depois e é mais fácil para reservar.</i> |
| | <i>Aprendizagem pela internet oferece a maior flexibilidade.</i> |
| | <i>No moodle, conseguimos encontrar todos os documentos e orientações, isso é importante para nós revermos.</i> |
| | <i>O benefício é que a nossa aula não suspendeu.</i> |
| | <i>Podemos estudar em casa, sem desperdiçar o tempo.</i> |
| | <i>Estudar online deixa-nos mais tempo para fazer as coisas que queremos, e podemos procurar as informações mais rapidamente na Internet.</i> |
| Desvantagens | |
| Razões que envolvem o funcionamento da internet | <i>...há muitas situações inesperadas nas aulas online, por exemplo: problemas na internet.</i> |
| | <i>Sobre as desvantagens, a qualidade de internet afeta o resultado de aprendizagem...</i> |
| | <i>... não gosto de ter aulas online, porque a internet funciona devagar, sempre tem barulho.</i> |
| | <i>Sobre as desvantagens, primeiro é o problema da Internet. Como ela não funcionava bem muitas vezes, não podia ouvir ou entender bem o que a professora ensinava.</i> |
| | <i>... mas a Internet faz-se o maior obstáculo de comunicação simultânea e eficiente. Sempre tenho problemas de frame-drop, tela preta ou atraso, entre outros. O ambiente de Internet de zoom não é muito estável.</i> |
| | <i>... aulas pela internet também têm muitos problemas, tais como instabilidade da internet.</i> |
| | <i>A Internet não funciona bem às vezes, não posso ouvir bem e responder as perguntas da professora...</i> |
| | <i>Desvantagens: a internet é tão chataaaa. Não podemos ouvir bem e falar bem, nem comunicar imediatamente e assim às vezes tenho dúvidas mas já passamos para outro questão.</i> |
| | <i>A internet não é sempre [e]stável, que pode criar muitos problemas.</i> |
| | <i>... internet não tá bem as vezes, por isso não é tão eficiente. Como [a] internet ou microfone não funcionavam sempre muito bem nas aulas, é difícil para nós responder as perguntas imediatamente.</i> |
| | <i>... a Internet não funciona bem às vezes.</i> |
| | <i>A internet não funcionava bem, causando atraso e desentendimento. Por causa da internet, muitas vezes os alunos não conseguem ouvir claramente a professora, e às vezes professora também não nos ouvir bem.</i> |
| | <i>... e por causa da situação da Internet ou do microfone, a experiência não é tal bom.</i> |
| <i>A Internet geralmente não é bom, resultando em menor eficiência.</i> | |
| <i>... acho que é mais difícil explicar claramente as minhas dúvidas através de internet.</i> | |

| | |
|---|--|
| Razões que envolvem a interação | <i>Além disso, faltamos a parte de comunicar com os colegas quando nós acabamos de escrever. Acho que isso é importante para melhorar as nossas ideias. Se calhar temos as perguntas iguais. Com as explicações dos amigos, talvez seja mais fácil reescrever as frases.</i> |
| | <i>A resposta da professora ou dos estudantes não pode ser tão rápida quanto as aulas normais.</i> |
| | <i>Não posso comunicar com a professora cara a cara quando tenho dúvidas. Falta o processo de [correção] entre colegas. Acho que isso é uma maneira muito útil.</i> |
| | <i>...tenho saudade da professora e colegas!</i> |
| | <i>As interações com os professores são menos eficientes em comparação com as de aulas presenciais. Os estudantes falam menos nas aulas online, aprender uma língua desta forma não ajuda a nossa produção oral.</i> |
| | <i>Falta as interações com a professora e os outros colegas é uma grande pena para mim neste semestre.</i> |
| | <i>As aulas online diminuem a vontade de falar dos colegas.</i> |
| | <i>Não era possível as interações simultâneas. A comunicação verbal entre os alunos melhora a compreensão dos conhecimentos e anima as aulas enquanto as discussões escritas no chat não.</i> |
| | <i>... os alunos não participam como no passado.</i> |
| <i>... estudar online não tem a mesma atmosfera como na universidade.</i> | |

5. Análise dos resultados

Como se pode verificar na tabela 1, os estudantes acabaram por encontrar algumas vantagens nas aulas pela internet e algumas vão ao encontro das razões apresentadas por Meskill e Anthony (2010), Kazlova e Zundel (2013). Na opinião dos participantes, um dos benefícios da aprendizagem *online* tem a ver com o tempo, ou seja, poupam tempo porque não fazem deslocações à universidade, sentem ter mais tempo para realizar as tarefas da aula e para outras atividades de que gostam. A flexibilidade foi também apontada por alguns estudantes, não só em relação ao período das aulas e a dedicar ao estudo, mas também ao lugar onde podiam estudar. Alguns participantes manifestaram preferência pelo uso da tecnologia (do computador) em detrimento do papel, havendo também quem goste de estar *online* para pesquisar de forma rápida alguma informação. Uma outra vantagem apresentada tem a ver com a possibilidade de continuar os estudos em segurança, sem haver interrupções ou adiamentos das atividades letivas.

Relativamente às desvantagens, os participantes apresentaram essencialmente duas: a interação com o docente/os colegas e o mau funcionamento da internet.

No que diz respeito à interação, os participantes consideram que é menos eficiente *online*, que é mais difícil expor as dúvidas e obter respostas no momento. Os estudantes também notaram que a participação diminuiu (“falam menos”, “[as aulas *online*] diminuem a vontade de falar”, “não

participam como antes”). Há até quem confirme que os estudantes preferem a interação oral à escrita (no *chat* do *Zoom*), contrariando dados de Meskill e Anthony (2010) e ainda, de certa forma, Kozlova e Zundel (2013). Alguns participantes revelam que sentem falta da interação face a face com os colegas que, em algumas aulas presenciais, lhes permitia tirar dúvidas e ajudar a corrigir tarefas, antes de as submeter à professora. Não deixa de ser um dado surpreendente porque temos tendência para pensar que estes jovens interagem mais nas redes sociais do que presencialmente. Relembramos que o grupo de participantes neste estudo tinha estudantes do programa de intercâmbio, programa esse que, presencialmente, ficou reduzido a meio ano académico. Supomos que para estes alunos, cujo principal objetivo seria contactar com novas pessoas e diversas realidades enquanto estudavam em Macau, ficarem restringidos ao espaço das suas casas durante praticamente todo o segundo semestre (e não poderem regressar à RAEM) terá sido especialmente difícil de aceitar.

No tocante ao funcionamento da internet, pelas respostas de quase todos os participantes, é óbvio que a instabilidade na ligação à rede tornou as aulas *online* num teste à paciência dos estudantes. Entretanto, este problema era colmatado com a publicação dos materiais e de exercícios de aperfeiçoamento numa outra plataforma que também usámos muito, o *Moodle*. Alguns participantes, confirmam isso mesmo: “Podemos ver [...] no moodle, conseguimos encontrar todos os documentos e orientações, isso é importante para nós revermos.” Ou “a professora sempre coloca tarefas e materiais no moodle com antecedência e escrevemos por word, então podemos prever e rever estes textos depois”.

6. Conclusão

O ensino/aprendizagem a distância, quer seja de línguas, quer seja de outras áreas de conhecimento, tem as suas vantagens e inconvenientes, como quase tudo na nossa existência, e necessita de preparação específica.

Neste pequeno estudo, considerámos as perspetivas acerca do ensino/aprendizagem pela internet de uma turma de estudantes universitários de Português Língua-Cultura, a maioria da e na China continental. Quando a pandemia foi noticiada, esses alunos encontravam-se a meio de um programa de intercâmbio. Surpreendentemente, o problema mais referido pelos respondentes diz respeito ao funcionamento instável da internet, denotando que diversas pessoas se encontravam desprovidas de uma das condições básicas para aprender *online*: boa ligação à rede. Relativamente a este obstáculo, não há muito que um professor possa fazer, a não ser gravar as aulas (ou partes) para que os estudantes possam assistir a essas sessões assincronicamente, disponibilizar o material, por exemplo, no *Moodle* e criar sessões para esclarecimento de dúvidas. Relativamente à comunicação oral e escrita através do *Zoom* com colegas e professor

simultaneamente, uma vantagem para Kozlova e Zundel (2013), não foi assim entendida pelos nossos respondentes que revelaram maiores dificuldades em formular as suas dúvidas e também alguma impaciência por não conseguirem obter respostas mais imediatas.

No tocante à interação entre alunos e alunos-professores, caso houvesse necessidade de continuar com o ensino/aprendizagem pela internet, teríamos de encontrar outras soluções, por exemplo dar mais tempo aos estudantes para que pudessem trocar as suas tarefas escritas, por email, com um colega e deste receber *feedback*, por exemplo, através do *Wechat*, rede social amplamente usada na China, antes de submeter essas mesmas tarefas ao professor. Posteriormente, o próprio professor poderia gravar em vídeo o seu *feedback* para determinadas tarefas de modo a que os estudantes, com internet mais instável, pudessem sentir melhor/mais a “presença” do professor. A criação de diversos fóruns no *Moodle*, onde os estudantes pudessem trocar ideias antes e depois de determinadas aulas, também poderia constituir uma boa solução já que as mensagens tanto podem ser escritas como podem ser partilhadas em áudio.

Num estudo futuro, com o intuito de obtermos mais dados e mais concretos, por exemplo acerca da organização, da motivação e da autonomia no âmbito do processo de aprendizagem pela internet, para além da questão de resposta aberta, pensamos que seria útil criar um questionário com a escala de Likert.

Embora este trabalho tenha nascido da necessidade de “organizar ideias”, de tentar clarificar alguns aspetos deste nosso semestre atípico, esperamos que possa ajudar docentes que ainda estejam num processo de ensino/aprendizagem de línguas pela internet e que dê azo a outros estudos e reflexões neste âmbito.

7. Referências bibliográficas

- Esteves, M. 2006. A análise de conteúdo. In: J. A. Lima; J. A. Pacheco (Org.), *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora, 105-126.
- Gonçalves, L. 2016. *Uma abordagem intercultural ao ensino do Português na China continental*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto. Consultado em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/89010/2/168431.pdf>.
- Kozlova, Iryna; Zundel, Evon. 2013. Synchronous Online Language Teaching: Strategies to Support Learner Development. In: Carla Meskill. *Online Teaching and Learning – Sociocultural Perspectives*. London, New Delhi, New York, Sidney: Bloomsbury, pp. 99-116.
- Major, Claire H. 2015. *Teaching Online – A Guide to Theory, Research, and Practice*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Meskill, C.; Anthony, N. 2010. *Teaching languages online*. UK: MM Textbooks.

- Miller, Michelle D. 2014. *Minds Online – Teaching effectively with technology*. Cambridge MA: Harvard University Press.
- Moura, A. 2010. *Apropriação do telemóvel como ferramenta de mediação em mobile learning. Estudos de caso em contexto educativo*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho – Instituto de Educação, Braga.
- Reis, C. Ensino à distância: oportunidade e não oportunismo. **Público**, 5 de maio de 2020. Consultado em <https://www.publico.pt/2020/05/05/opiniao/opiniao/ensino-distancia-oportunidade-nao-oportunismo-1915043> (acedido no dia 9 de maio de 2020).